

## 7

### PROTESTAÇÃO

Vamos agora conciliar os textos, que o caminho está já plano.  
[Tomás Antônio GONZAGA]

Para os pensamentos novos, é preciso gente que trabalhe com as mãos.  
[Bertolt BRECHT]

Era costume no século XVIII acrescentar às obras poéticas compiladas em volume uma *protestação*, espécie de declaração de fé e de subserviência à Igreja Católica, que objetivava desviar de seu autor qualquer suspeição religiosa a seu respeito. Os tempos eram brutais, fumavam ainda as fogueiras da inquisição – dizem que foram as últimas – e uma espécie de amor arraigado a poderosos impelia ilustrados poetas e letrados à genuflexão complacente. Declarações como as tais eram também uma modalidade de afirmação virtuosa e prudente de vassalagem diante de maiorais com poder de decisão política. A meu modo, com objetivos bastante divergentes daqueles, gostaria de apresentar minha *protestação*.

Hoje os perigos parecem bem outros, as fogueiras espetaculares não queimam, mas há ainda riscos a rondar a produção intelectual.<sup>158</sup> Um deles é a vontade de depuração ideológica de todo exercício de pensamento reflexivo sobre uma determinada realidade. Essa depuração se faz muitas vezes pela absoluta sublimação de interesses e empenhos que estiveram a atuar em lances de um jogo estético ou cultural estudado. Outras vezes, não há mesmo qualquer vontade de se chegar a eventos minimamente vividos ou materializados, contentando-se o pensamento tão somente com contorções ou volutas teóricas que pretendem afetar certa beleza por seu imobilismo reflexivo – o que se poderia chamar de trabalho metafísico, ou ainda *filosofismo*.

---

<sup>158</sup> A idéia foi já exposta por José Carlos Mariátegui, que entanto pensava nos riscos do trabalho intelectual não-metafísico: “O trabalho intelectual, quando não é metafísico mas dialético, vale dizer, histórico, tem seus riscos. Para quem não é evidente, no mundo contemporâneo, um novo gênero de acidente de trabalho?” (MARIÁTEGUI, 1982, p. 82).

Esse tipo de trabalho foi meu modelo negativo. E não o foi por uma deliberação reacionária ou interesse em gozar de certo aspecto peregrino conferido por meu próprio movimento a contrapelo. Aconteceu porém que meu convívio acadêmico levou-me a uma percepção até certo ponto clara de que este tipo de exercício niilista estava bastante estabelecido entre meus colegas. A par disso, vislumbrei possibilidades de realizar estudos que proporcionassem meios para uma maior compreensão de problemas concretos postos em nosso convívio social. A reflexão histórica pareceu caminho viável e eficiente para a disposição de tais meios: “Confessamos, sem escrúpulos, que nos sentimos nos domínios do temporal, do histórico, e que não temos nenhuma intenção de abandoná-los” (MARIÁTEGUI, 1982, p. 94).

Depois dessa declaração de fé, gostaria de expressar – ainda a modo de *protestação*, com o que a concluirei – que não pretendo polemizar sobre o caráter da produção acadêmica contemporânea. Minha percepção é pontual, não se pretende genérica, e a declino aqui somente para esclarecer um pouco mais meu leitor sobre as páginas que atrás ficaram. Nelas sim desejei problematizar e criticar ordenações atuais pelo estudo genealógico do espírito e da letra que a essas ordenações deram feição. Ordenações que não são propriamente acadêmicas, mas características de campo tão diversificado e múltiplo como é o chamado campo intelectual. Conhecidos os mais urgentes problemas que derivam de tais ordenações, “talvez tenhamos, então, o que dizer dos debates acadêmicos da ciência conformista” (RIBEIRO, 1970, p. 9).

Foi pelos fatos que cheguei às causas. [...] Além do mais, se me enganasse e se, contra minha expectativa, alguns de meus princípios não estivessem de acordo com o interesse geral, será um erro de meu espírito, e não de meu coração, e declaro antecipadamente que eu os desaprovo (HELVÉTIUS, 1979, p. 173).